



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

5,6,7,8- Colorindo o ballet clássico

Luísa de Oliveira Santos

Campo Grande
JUNHO/ 2024

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.falc@ufms.br



5,6,7,8- Colorindo o ballet clássico

LUÍSA DE OLIVEIRA SANTOS

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação no Componente Curricular Não Disciplinar (CCND) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador(a): Prof. Dr. Silvio da Costa Pereira

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: 5, 6, 7, 8 - Colorindo o *ballet* clássico

Acadêmicos: Luísa de Oliveira Santos

Orientador: Silvio da Costa Pereira

Data: 21/06/2024

Banca examinadora:

1. Felipe Quintino Monteiro Lima
2. Isabela Alves Lopes

Avaliação: (X) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca sugere que o trabalho receba ampla veiculação.

Campo Grande, 21 de junho de 2024.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Silvio da Costa Pereira, Professor do Magisterio Superior**, em 24/06/2024, às 11:17, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4896242** e o código CRC **4EC6F42A**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:



SUMÁRIO

Agradecimentos	3
Resumo	4
Introdução	5
1. Atividades desenvolvidas	8
1.1 Execução	8
1.1.1 Estudo do formato e aprofundamento do tema	8
1.1.2 Busca de fontes e pré-entrevistas	9
1.1.3 Equipe e gravação	12
1.1.4 Decupagem das entrevistas e elaboração de roteiro	14
1.2 Dificuldades encontradas	15
1.3 Objetivos alcançados	18
2. Suportes teóricos adotados	19
Considerações finais	27
Referências	30
Anexo 1 - Fotos dos bastidores	34
Apêndice 1 -Roteiro de perguntas	38



AGRADECIMENTOS

Esse trabalho só existe devido ao apoio de muitas pessoas. De maneira alguma eu poderia concluir essa fase sem agradecer os que foram fundamentais nesse processo.

Agradeço primeiramente a minha mãe, a pessoa que me conectou ao *ballet* clássico, que me levava de segunda à sábado nas aulas sem reclamar, que costurava todas as minhas sapatilhas de ponta e estava sempre na primeira fileira para aplaudir de pé todas as minhas apresentações. Obrigada por sempre acreditar em mim e confiar nas minhas ideias, sem você esse trabalho não existiria.

Sou grata pelas amizades que me acolheram em Campo Grande-MS. O amor de vocês me salva diariamente. Em especial Victória Amorim por fazer meus dias serem mais leves e divertidos, Gabriela Cenciarelli por me lembrar que sou potente e como o jornalismo é necessário, Lara Bellini por me ensinar que o mundo gosta de pessoas corajosas, Beatriz Bressan que fez minha trajetória dentro do ballet clássico ser ainda mais especial e ao meu namorado Gustavo Machado que me lembra todos os dias o quanto eu sou capaz.

Agradeço também às nove bailarinas que se interessaram pelo meu projeto e participaram das minhas entrevistas. Aos dez amigos que fizeram parte da equipe que me acompanhou nas gravações, a ajuda de vocês foi essencial para o resultado dessa websérie. À Ana Luísa Temponi e Carlos Queiroz por emprestarem o tripé de smartphone para viabilizar as gravações de todos os episódios.

Tenho muito respeito e admiração ao professor Silvio da Costa Pereira. Obrigada por acreditar no meu trabalho e me orientar com tanta atenção e carinho

E claro, não posso deixar de mencionar à Luísa de 13 anos. Dedico este trabalho para você. Quero te dizer que seu sonho de ser bailarina profissional não se concretizou, mas posso garantir que o que veio no lugar disso é muito mais grandioso e potente.



RESUMO:

O presente trabalho é uma *websérie* documental dividida em três episódios, intitulada '5,6,7,8-Colorindo o *ballet* clássico', onde foram entrevistadas seis bailarinas que contaram suas experiências dentro da modalidade, expondo os desafios, micro agressões e racismo enfrentados por elas. Os episódios são divididos em blocos temáticos, abordando assuntos como pressão estética dentro do *ballet*, o alto custo que se exige para permanecer na modalidade, o processo particular de autodeclaração, racismo enfrentado por cada bailarina e expectativas para o cenário do *ballet* do futuro. O objetivo principal do trabalho foi expor as narrativas de como é ser uma mulher negra dentro de uma modalidade de dança praticada majoritariamente por mulheres brancas, revelando as problemáticas do *ballet* clássico envolvendo raça e classe.

PALAVRAS-CHAVE: Websérie; *ballet* clássico; mulher negra; bailarina ; cores.



INTRODUÇÃO

O produto desenvolvido neste Projeto Experimental é uma websérie documental sobre os desafios enfrentados por bailarinas negras na modalidade do *ballet* clássico. O tema escolhido veio porque depois de dedicar grande parte da minha vida ao *ballet* clássico, desenvolvi inúmeros questionamentos durante essa trajetória. Assim, ao planejar meu TCC entendi que poderia unir essa paixão, com as críticas referentes à essa modalidade de dança. Para desenvolver um produto que desse destaque a esse cenário pouco discutido do racismo dentro do *ballet*.

A modalidade de dança que conhecemos hoje como *ballet* clássico foi desenvolvida na Europa, dentro das cortes italianas no século XVI. Ali as danças populares foram sendo disciplinadas, o que originou uma dança cortesã. Assim, houve uma organização da dança devido a limitação em função das roupas. Devido aos trajes comumente usados pelas classes dominantes da época, gibões e calças justas para os homens e espartilhos apertados junto a saias volumosas para as mulheres, não era possível realizar uma dança expansiva e livre (MONTEIRO, 2019).

A princesa italiana Catarina de Médici (1519-1589) foi a responsável por levar o *ballet* da Itália para a França, quando se casou com o rei Henrique II. No século XVI, o *ballet* clássico era dirigido somente a camadas de alta classe social. Com o decorrer dos séculos a modalidade ainda é em grande parte praticada e consumida por uma elite. “Nobreza, disciplina, aparência física impecável e comportamento social elegante simbolizavam condições de desenvolvimento físico e social que serviam de modelo para a corte”(ALMEIDA, 2016,p.01).

Foi nesse contexto de associar elegância, aparência física e aristocracia que essa modalidade se desenvolveu em cima de racismo e preconceito estético. A brasileira Ingrid Silva, bailarina na companhia de balé profissional de Nova York, *Dance Theatre* do Harlem, relata que por anos teve dificuldade de encontrar marcas que fabricassem sapatilhas no seu tom de pele e por isso pintava suas sapatilhas com base de maquiagem. Foi somente em de 2019 que a marca Chacott fabricou a primeira sapatilha no mundo para a cor de pele negra. As sapatilhas pintadas por Ingrid estão expostas no Museu Nacional de Arte Africana Smithsonian, nos Estados Unidos.

As sapatilhas de balé foram criadas pensando apenas em pessoas de pele clara, por isso aquele tom rosinha. Para mim, tinha que ter o tom da minha pele. Assim, passei a pintar



as sapatilhas de marrom, pois não encontrava um par dessa cor para comprar em lugar nenhum(Ingrid Silva).¹

A trajetória do *ballet* é marcada pela estética corporal europeia, com corpos magros, pele clara e cabelos lisos. Dentro dessa realidade as bailarinas brasileiras lutam diariamente pela presença de mulheres pretas na dança, demonstrando que dançar também é um ato político. Atualmente, a visão que se tem da bailarina ainda é uma visão idealizada, do período romântico, como um ser perfeito, fragilizado, intocável, jovem, bela, magra e delicada. (SILVÉRIO,2020).

Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho foi apurar qual o cenário das bailarinas negras atualmente, ouvir suas histórias e entender se essa estética branca e elitista do *ballet* ainda permanece com o passar das décadas. Nota-se que as bailarinas negras dentro e fora do Brasil ainda não são maioria em cima dos palcos e muito menos recebendo papéis como bailarinas principais de companhias renomadas, visto que grande parte das bailarinas negras que iniciaram a carreira na dança o fizeram através de projetos sociais. O Balé Teatro Guaíra, fundado em 1969, se tornou uma das mais importantes companhias de dança clássica do Brasil, mas foi somente no ano de 2022 que, pela primeira vez, uma bailarina negra ocupou papel principal de um espetáculo, quando Luana Nery interpretou a Princesa Odette no espetáculo ‘O Lago dos Cisnes’. Luana entrou para a história do *ballet* clássico no país, reforçando a identidade da mulher negra no *ballet* clássico. Personagens como ela são essenciais para desmistificar a ideia que o *ballet* clássico, por ter surgido na Europa, é só destinado a pessoas de um determinado estereótipo.

Uma das fontes entrevistadas para a websérie documental, Isabelle Fernanda, também foi aluna do Balé Teatro Guaíra. Sua narrativa foi de extrema importância para compor o produto, pois diferente das outras fontes, no período em que Isabelle dançava no Guaíra se entendeu como uma mulher branca e alterou sua autodeclaração depois de anos se entendendo como uma mulher negra. Um relato que enfatiza as identidades multirraciais que existem no Brasil.

Uma das motivações para desenvolver esse trabalho sobre as cores no ballet clássico vem justamente da minha experiência pessoal de ser uma bailarina negra que se desenvolveu dentro da

¹ Descrição do livro “A bailarina que pintava suas sapatilhas”. Disponível em <http://www.ingridsilvaballet.com/booklivro> acesso em: 29/03/2023



dança sem encontrar representatividade de mulheres negras na modalidade. Iniciei minha história na dança com oito anos e aos onze me encontrei no clássico. Durante minha trajetória sempre tive como inspiração bailarinas muito talentosas no mundo da dança, porém nenhuma delas se parecia fisicamente comigo. Quando iniciei meus estudos sobre negritude na universidade, identifiquei diversas problemáticas na relação do *ballet* clássico com mulheres negras, a invisibilidade dessas bailarinas no meio artístico e também as dificuldades de autodeclaração de indivíduos com ancestralidade mista no país.

Outro fator que fomenta meu interesse pelo tema são os poucos conteúdos na área. Sampaio (2013, p.12) explica que “há pouca literatura sobre o ensino da dança clássica publicada em português”. Quando penso em websérie, são raras as que abordam essa discussão a fim de destacar as narrativas das bailarinas negras. Assim, no meu produto eu apresento as histórias de artistas invisibilizadas para problematizar o racismo estrutural presente na história de bailarinas que escolheram atuar em uma área que é dominada pela estética branca, destacando então os obstáculos que afastam as meninas negras dessa modalidade.



1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

1.1 Execução:

No primeiro semestre de 2023 realizei a disciplina de Projeto Experimental onde planejei que executaria o TCC no período de um ano. No segundo semestre me dediquei na procura de fontes, realizei as pré-entrevistas e me dediquei a estudar mais sobre o audiovisual realizando as atividades da disciplina de ‘Fotografia para cinema e audiovisual’. Essa foi uma experiência solitária e sem orientação de um professor, mas que pude conversar com alguns professores sobre este projeto, coletando ideias e sugestões de como construir o produto.

Em março de 2024 dei continuidade às gravações e foquei em buscar apenas fontes negras de pele retinta. Nos meses seguintes dediquei as entrevistas, planejei a identidade visual juntamente com a ilustradora, realizei decupagem, montagem de roteiro e acompanhei diariamente todo o processo de edição do material.

1.1.1 Estudo do formato e aprofundamento do tema

Durante os meses de julho e agosto de 2023 eu me dediquei em consumir conteúdos com a temática do meu projeto, sendo documentários, reportagens, contas em redes sociais sobre mulheres no *ballet* clássico e também sobre negritude. Nesse período pude notar a carência desse tema na mídia, visto que existem inúmeras notícias sobre racismo dentro do *ballet*, mas poucos conteúdos sobre mulheres negras nesta modalidade. Quando pesquiso sobre mulheres negras no *ballet*, as informações predominantes são sobre a bibliografia da bailarina Ingrid Silva, o que só enfatiza a falta de representatividade negra na modalidade.

Como o trabalho envolve temas complexos e delicados, realizei mais pesquisas bibliográficas sobre a relação da negritude com o *ballet* clássico e como se constrói o racismo no Brasil com foco no racismo estrutural, de autoras como bell hooks e Djamila Ribeiro.

No período de agosto a dezembro, me matriculei na disciplina de ‘Fotografia para cinema e audiovisual’ disponibilizada no curso de Audiovisual da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), onde pude aprender na prática principalmente sobre esquemas de iluminação, gravação e conceito fotográfico.

Não encontrei uma websérie documental com a mesma temática do meu projeto, então consumi produtos audiovisuais com outros temas para analisar a estrutura da websérie. Em uma



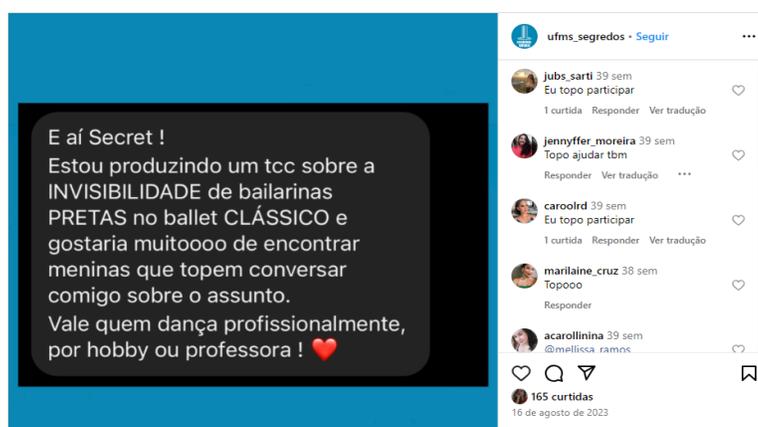
conversa com a Profª. Dra. Daniela Giovana Siqueira, ela me apresentou a obra Edifício Master (2002) do documentarista Eduardo Coutinho, o que foi essencial para que eu analisasse a forma que ele produz o documentário e principalmente como ele dialoga com os entrevistados.

1.1.2 Busca de fontes e pré-entrevistas

Tive muita dificuldade de encontrar essas mulheres. Iniciei entrando em contato com algumas professoras de *ballet* da cidade de Campo Grande-MS e também com alunas do curso de Dança da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) a fim de procurar fontes, porém a maioria dessas pessoas não conheciam bailarinas negras para me indicar. Nesse momento de busca das fontes percebi a grande dificuldade de encontrar essas mulheres dentro do *ballet* clássico, enquanto nas modalidades de jazz e danças urbanas encontrei várias. Essa reflexão foi importante no momento das entrevistas, para buscar entender o que afasta as mulheres negras dessa modalidade em específico e o que aproxima elas de outros tipos de dança.

Quando percebi que não estava tendo resultados buscando as fontes com professores de dança, usei as redes sociais para buscar fontes. Fiz uma publicação na minha conta no *instagram* que estava buscando essas bailarinas. Pedi para amigos compartilharem e também usei o perfil do *Instagram* '@ufms_segredos' para apresentar minha proposta de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e buscar essas fontes.

Figura 1 - Mensagem enviada ao Instagram para encontrar bailarinas negras.



Fonte: Instagram



Essa divulgação do projeto através das redes sociais fez com que muitas bailarinas entrassem em contato comigo e a partir disso realizei pré-entrevistas com nove mulheres, por meio do *Google Meet*. Duas dessas entrevistadas que entraram em contato comigo eram mulheres indígenas, o que despertou em mim a reflexão da possibilidade de expandir o tema do projeto para não só fontes pretas e negras, mas incluir também o relato de bailarinas indígenas. Porém com o passar do tempo as fontes indígenas com que realizei pré-entrevistas não retornaram mais as minhas mensagens, demonstrando não estarem interessadas e dispostas a participarem da websérie. Por esse motivo mantive o objetivo de fontes pretas e negras.

Nos meses de novembro e dezembro de 2023 pude comparecer em algumas mostras de dança e espetáculos de escolas de ballet nas cidades de Campo Grande-MS, Jales-SP e Santa Fé do Sul-SP. Nessas apresentações ocupei o lugar de telespectadora, sempre com um olhar atento e crítico buscando analisar a presença de mulheres negras nesses espaços. A presença nesses espetáculos também foi importante para que eu contatasse mais fontes.

Durante as minhas pesquisas sobre bailarinas negras, principalmente na escrita do pré-projeto deste trabalho, o nome da bailarina Ingrid Silva apareceu com muita frequência e durante as pré-entrevistas isso não foi diferente. Muitas das entrevistadas citaram a bailarina como referência. Dessa forma, após ler o seu livro ‘A sapatilha que mudou o meu mundo’ entrei em contato com Ingrid Silva pelo *Instagram*, contando minhas impressões do livro e o tema do meu trabalho. Para minha surpresa ela respondeu, me parabenizou pelo tema e chegou a dizer que tentaria me dar uma entrevista. Infelizmente devido a agenda apertada da bailarina isso não foi possível.

No início do ano de 2024 foquei buscar somente por bailarinas negras de pele retinta. Notei que todas as pré-entrevistas realizadas até aquele momento tinham sido com mulheres negras de pele clara e, como próprio título do meu trabalho é ‘5,6,7,8-Colorindo o ballet clássico’ eu via necessidade de falar com mulheres de diferentes tons de pele negra. Somente no mês de abril eu encontrei duas bailarinas pretas retintas e tive a oportunidade de entrevistá-las.

Depois de analisar como foi cada pré-entrevista eu selecionei as cinco bailarinas que apresentaram diferentes narrativas, pensando em trazer no produto visões sobre o mesmo assunto a partir de diferentes perspectivas. Optei por diferentes perfis de bailarina, como uma professora



de dança, uma aluna que dança apenas por diversão, uma bailarina que descobriu a dança na vida adulta, Também decidi incluir Isabelle Fernanda dos Santos, que apresentou uma história bem diferentes das outras mulheres: tendo se autodeclarado uma mulher negra durante a maior parte da sua vida, ela se entendeu como uma mulher branca. Foi quando vi a necessidade de trazer essa história para a websérie, a fim de complexificar o processo de autodeclaração em um país com grande diversidade étnica como o Brasil.

Isabelle Fernanda tem 26 anos, nasceu em Jales-SP e começou a dançar com seis anos de idade e sempre teve o sonho de ser bailarina profissional. Quando se formou no ensino médio se mudou para Curitiba-PR onde foi aluna do Balé Teatro Guaíra, mas com o passar dos anos e a chegada da pandemia Isabelle desistiu de ser bailarina profissional, fez curso de comissária de bordo e começou a trabalhar na área, fazendo com que o *ballet* não fosse mais sua prioridade.

Outra entrevistada foi Julianna Sarti, ela iniciou no *ballet* com 17 anos, o que muitos consideram como tarde, visto que a maioria das bailarinas são apresentadas na modalidade quando pequena. Ela foi ginasta dos 6 aos 12 anos de idade e atualmente é professora de *ballet* clássico para ginastas. Na entrevista ela relatou que mesmo que tenha uma grande paixão pela modalidade, considera o *ballet* elitista e tóxico, acreditando que como professora parda ela tem a missão de mudar a experiência de suas alunas proporcionando um ambiente agradável e anti racista, visto que a grande maioria de suas alunas são brancas.

Mila Fernandes é uma mulher de 25 anos que se autodeclara preta, mestranda em Ciências Biológicas a bailarina iniciou na dança quando criança mas só retornou quando fez 23 anos de idade. Ela se recorda de sempre ser a única preta da sala de aula, tanto na dança quanto na graduação. História parecida com a de sua professora de *ballet*, Graciela Quintana que iniciou na modalidade com 4 anos com incentivo de sua mãe. Aos 18 ela parou de dançar e se mudou para Argentina, onde morou por 10 anos e sem dançar *ballet*. Quando retornou, se tornou professora e sócia de uma escola de dança, onde aplica em suas aulas uma educação racial e incentivando suas alunas com orgulho de serem negras e a amarem seus corpos como são.

O efeito da pressão estética na vida de uma bailarina é explicitado na fala de Thays Vitória, diagnosticada com anorexia devido ao desejo de ser magra para poder ser uma boa bailarina. Thays começou a dançar com 5 anos de idade, parou e retornou aos 17 anos como aluna de um projeto social com o nome de Viver Bem. Ela relatou ter se entendido como mulher



preta de pele retinta, somente quando entrou na faculdade de psicologia. Segundo ela, ser mulher preta dançando uma modalidade criada por branco e feita para brancos, é uma afronta para a sociedade.

Lorena Barbosa é a única negra retinta de sua turma, ela retornou ao ballet aos 22 anos, quando conquistou sua independência financeira. Segundo ela, além da modalidade ser cara, a indústria têxtil não é inclusiva, havendo muita dificuldade de encontrar sapatilhas no seu tom de pele e quando encontra o preço é sempre muito alto. Para a bailarina, mesmo não concordando com questões sobre figurino e sapatilha, prefere se calar, por ser a minoria e não ter voz.

A websérie visa priorizar as vivências das próprias bailarinas e por isso me preocupei muito em deixar as fontes confortáveis para que assim se sentissem seguras em contar suas experiências, o que muitas vezes envolvia tópicos sensíveis como o racismo. Dessa forma as pré-entrevistas foram extremamente importantes para que no momento da gravação as fontes se sentissem mais seguras e confiantes. O objetivo principal das entrevistas gravadas é o relato sincero e humanizado dessas mulheres.

1.1.3 Equipe e gravação

A partir das conversas com meu orientador e Profa. Dra. Daniela Giovana Siqueira, entendi as funções necessárias para a gravação da websérie, sendo direção, produção, fotografia, câmeras, som, montagem e edição. Após essas conversas me planejei para selecionar quais seriam as pessoas que estariam me auxiliando nesse trabalho.

Busquei priorizar mulheres e pessoas do curso de comunicação e que tivessem alguma relação com a produção de mídias. Como membro da Empresa Júnior de Comunicação da UFMS, tive a oportunidade de trabalhar em equipe e liderar times. Essa experiência foi muito necessária para que neste trabalho eu pudesse liderar esta equipe.

Não foi fácil chegar em um consenso de data e horário para a gravação, mas tive comigo uma equipe muito responsável e interessada no propósito desse trabalho, que não seria possível sem a ajuda dessas pessoas. Ao todo foram seis gravações onde tive no mínimo uma pessoa me ajudando, totalizando uma equipe de dez amigos próximos que me auxiliaram de forma voluntária. Além dessa equipe que se disponibilizou a me acompanhar nas gravações, pude contar com amigos para empréstimo de câmera, tripé e lapela.



Direção: Luísa Oliveira

Direção de fotografia: Luísa Oliveira

Câmeras: Maria Caroline Leite, Geane Beserra, Victória Amorim, Lara Bellini, João Vitor Anjos, Laura Santos, Gabriela Cenciarelli, Mariana Pesquero, Eliel Dias e Maria Luiza Mansulo

Produção: Luísa Oliveira

Montagem e edição: Isadora Tiemi

Roteiro e som: Luísa Oliveira

Still: Eliel Dias, Victória Amorim, Laura Santos e Gabriela Cenciarelli

Identidade Visual: Victória Amorim

Devido a falta de tempo para realizar a edição, optei por contratar outra profissional para realizar essa atividade tão essencial e que exige muito trabalho. Pedi uma indicação para a Jornalista Alice Rodrigues que também produziu uma websérie como Trabalho de Conclusão de Curso, e para a Profa. Dra. Daniela Giovana Siqueira. Foi assim que conheci a editora Isadora Tiemi Coelho Issagawa, egressa do curso de Audiovisual da UFMS. Busquei também o trabalho da acadêmica de Jornalismo na UFMS, Victória Amorim, que foi responsável pela criação da identidade visual do produto.

Em relação às gravações, optei por todas serem realizadas no mesmo tipo de ambiente, uma sala de aula de ballet, visto que grande parte das vivências de cada uma das entrevistadas acontecem durante as aulas de dança. Optei por gravar em escolas diferentes para variar o cenário, então realizei a gravação nos respectivos estúdios que cada entrevistada dançava. Foi um grande desafio alinhar a disponibilidade da fonte com os horários em que a sala de aula estava desocupada.

Além disso algumas escolas tinham mais de uma sala, então aconteceu de no momento que estava gravando a entrevista a sala ao lado estava em aula, o que resultou em uma interferência maior no som.

Na primeira gravação, que foi realizada em dezembro de 2023, tive muita dificuldade no enquadramento das imagens captadas devido ao reflexo do espelho que acabou atrapalhando por



refletir a equipe que estava comigo. Porém nas outras gravações consegui posicionar as câmeras de uma forma mais adequada.

Uma das entrevistadas mora em São José do Rio Preto-SP, então depois de um longo processo conseguimos nos encontrar na cidade de Jales-SP, cidade em que meus familiares moram, para a realização da entrevista. Como estava em outro estado e sem a companhia de estudantes de jornalismo, pedi ajuda para um amigo que trabalha na produção de conteúdo para redes sociais e possui experiência com gravação, e contei com o auxílio da minha irmã mais nova para acompanhar as câmeras e checar o funcionamento do microfone de lapela. O apoio dessas duas pessoas foram essenciais para que eu pudesse me concentrar somente na entrevista e não me preocupar com imagem e som.

1.1.4 Decupagem das entrevistas e elaboração de roteiro

As seis entrevistas totalizaram cerca de 8 horas de gravação, sendo finalizadas todas as gravações no mês de abril. Em seguida iniciei o trabalho de decupagem deste material para que fosse possível a elaboração de um roteiro de edição. Para isso dividi os três episódios em blocos temáticos, realizei as marcações de tempo e fala da câmera principal.

Decidi dividir os episódios em ‘atos’ para criar uma relação com às subdivisões existentes no *ballet* clássico onde cada ‘ato’ representa uma cena. No ‘Primeiro Ato- As cores do *ballet*’ as fontes se apresentaram, introduziram o processo de autodeclaração e falaram sobre a questão da falta de sapatilhas na cor da pele delas.

No ‘Segundo Ato- O corpo preto que dança’ foi abordado o relato de como é ser uma mulher preta no *ballet*, experiências racistas em sala de aula e pressão estética. O *ballet* foi criado de brancos para brancos e historicamente as bailarinas negras são excluídas desse espaço. Pensando nisso, selecionei os relatos dessas bailarinas sobre micro-agressões sofridas em sala de aula e o sentimento da falta de pertencimento daquele local, sendo um dos motivos principais a branquitude da modalidade.

A invisibilidade do corpo negro nos palcos é resultado de diversos fatores e de uma estrutura racista. Nas entrevistas notei que a questão financeira também colabora para o afastamento de mulheres negras dessa modalidade. O episódio final ‘Terceiro Ato-Nota preta’ abordou o alto custo de se manter no ballet e a importância da representatividade para a



motivação dessas mulheres.

Meu orientador sugeriu que o produto total não excedesse 26 minutos, então organizei os roteiros para que os episódios tivessem cerca de 9 minutos cada. Foi um grande desafio fazer esse trabalho de edição. Gostaria de ter aprofundado mais o assunto em alguns tópicos, mas por questão de tempo isso não foi possível. Então selecionei as falas e assuntos mais relevantes para o produto audiovisual.

O trabalho de edição foi realizado por Isadora Tiemi Coelho Issagawa, egressa do curso de Audiovisual da UFMS, e foi realizado durante todo o mês de maio. Semanalmente a editora me enviava pouco a pouco os primeiros cortes e edições dos episódios. Como diretora da websérie, produtora, roteirista e diretora de fotografia, fiz questão de acompanhar passo a passo todo o processo de edição, ficando sempre em contato com a editora e pedindo orientações de mudanças para o professor Silvio.

Este processo de montagem do roteiro e edição, foi desafiador. Mesmo elaborando que os três episódios fossem separados em blocos temáticos, sendo escolhido temas para abordar com grande relevância, tive dificuldade de imaginar como seria o resultado final deste produto. Mas assim que os primeiros cortes foram realizados, vi que os episódios se conectaram um com o outro e criou sentido para a narrativa que eu propus a construir.

Devido a agenda ocupada da editora e por eu ter realizado algumas viagens a trabalho no mês de maio, Eu e Isadora optamos por nos comunicarmos durante todo o processo de edição, de forma remota. Visto que nas últimas semanas do mês de maio, nós reservamos o período da noite, que era o único período que tínhamos disponível, para conversarmos sobre as alterações da websérie todos os dias e não uma vez na semana como era no início.

Essa forma de me comunicar com a editora funcionou muito bem. Consegui direcioná-la para montar o produto da forma que eu desejava. Mesmo que não tenhamos conseguido nos encontrar de forma presencial, isso de forma alguma afetou no resultado do material.

1.2 Dificuldades encontradas

Trabalhar com formato de uma websérie documental já foi um desafio devido ser a primeira vez que tive contato com esse formato. Por isso me dediquei muito no processo de



pesquisa sobre ele, coletando referências e consumindo outros Trabalhos de Conclusão de Curso que também trabalharam com esse formato.

Sem dúvidas o processo de buscar fontes foi muito difícil, principalmente encontrar bailarinas de pele retinta. Em conversa com Prof. Dr. Felipe Quintino, do curso de Jornalismo da UFMS, relatei meu desespero em não encontrar fontes, visto que elas são protagonistas do produto e ele me despertou uma questão importante, de que essa própria escassez de fontes ilustra o tema do meu trabalho, criando o sentido de que de fato existem poucas bailarinas negras no *ballet* clássico. Aliado à busca por essas personagens, notei a falta da identidade negra nas pré-entrevistas que realizei com nove mulheres, um fenômeno muito peculiar no Brasil.

A falta dessa identidade negra dificultou o aprofundamento em algumas perguntas, como por exemplo, em situações que no momento da entrevista a bailarina episódios que reconheço como discriminatórios e racistas, mas no momento eu que questionava se ela já tinha passado por situações racistas, a entrevistada afirma com certeza de que não. Por um lado isso dificultou a condução da entrevista, por outro isso refletiu o racismo estrutural que existe no Brasil que muitas vezes é legitimado.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi feito de forma independente e com poucos recursos financeiros. Isso que impossibilitou o investimento em equipamentos como tripé e principalmente um microfone de qualidade para que os ruídos externos fossem isolados. Na construção desse Projeto Experimental eu tinha a intenção de utilizar um *smartphone* e uma câmera fotográfica para a captação das gravações. Mas como há poucos equipamentos fotográficos do curso de jornalismo da UFMS e a grande demanda. Tive dificuldade de conseguir a câmera da universidade nos dias em que eu havia agendado as entrevistas, o que atrapalhou o processo. Dessa forma optei por utilizar dois *smartphones* para a captação, tendo sempre que pedir emprestado um deles para um amigo.

Quando entrei em contato com a bailarina Ingrid Silva e ela demonstrou interesse no meu trabalho, fiquei extremamente feliz e esperançosa. Juntamente com o meu orientador, tivemos a ideia de fazer um episódio somente com a entrevista da bailarina, visto que ela é referência quando se fala de bailarina preta. Porém, ela não respondeu mais às minhas mensagens e a entrevista não aconteceu. Enxergo como seria interessante ter Ingrid Silva como uma das entrevistadas dessa websérie, visto que todas as seis bailarinas citaram o nome dela como



referência. Gostaria muito que essa entrevista tivesse acontecido, mas infelizmente não foi possível.

Outra tarefa desafiadora foi encontrar pessoas disponíveis para me acompanhar nas gravações de forma voluntária e também marcar a entrevista alinhando com a disponibilidade da entrevistada, e também com a minha e da equipe. Mesmo que eu tenha priorizado estudantes de jornalismo, aconteceram alguns imprevistos que poderiam ter sido evitados caso essa equipe tivesse experiência com gravação. Na primeira entrevista a responsável por acompanhar a câmera, caso houvesse um problema técnico não notou que o microfone havia desconectado, o que fez com que eu perdesse parte do áudio dessa entrevista. O fato de eu usar um *smartphone* emprestado também resultou que em uma das gravações a pessoa responsável pelo celular, apagasse o arquivo antes de ter a certeza que o vídeo tinha sido entregue para mim. Isso fez com que eu perdesse a gravação da câmera secundária, ficando apenas com um ângulo dessa entrevista.

Liderar uma equipe foi uma tarefa desafiadora, assim como me apropriar do processo de ser diretora. Na primeira tive dificuldades na maneira de conduzir as demandas de cada ajudante nas gravações. Já nas outras diárias de gravação eu me organizei para enviar com antecedência as funções que cada um teria, junto com algumas orientações de como agir caso imprevistos acontecerem, junto enviei um resumo do perfil do entrevistado para que essa equipe chegasse ao local mais preparada.

Um trabalho como este requer muita disciplina e dedicação. Por alguns momentos o cansaço mental e físico me atrapalhou. Cumpro horário do estágio em jornalismo durante o período da manhã e à tarde me dedico ao Programa de Iniciação Científica no qual sou bolsista, realizando atividades práticas em duas escolas de Campo Grande-MS. Isso fez com que eu me dedicasse às pré-entrevistas, gravações, elaboração de roteiro, leituras, pesquisas e escrita deste relatório somente no período da noite e finais de semana. Além disso trabalho como modelo independente para completar a renda, o que também desconta horas da minha semana. Tenho certeza que se eu tivesse condições de me dedicar unicamente ao Trabalho de Conclusão de Curso o resultado seria ainda melhor.



1.3 Objetivos Alcançados

Como uma futura jornalista, sentia o desejo de reportar a realidade das bailarinas negras, com a finalidade de expor questões que são invisibilizadas. Como mulher atuante no jornalismo preto neste país, vejo na realização dessa websérie a oportunidade de trazer as narrativas dessas bailarinas a partir da perspectiva racial, em um lugar onde também me encontro.

O objetivo geral deste trabalho era a construção de uma websérie a partir das narrativas de mulheres pretas dentro da modalidade do *ballet* clássico. Este objetivo foi alcançado, conseguindo trazer as narrativas não só de mulheres pretas, mas também mulheres que se autodeclararam negras e pardas, visto que a classificação da cor de pele no Brasil é uma construção social e ampla.

Os objetivos específicos também foram alcançados. Na websérie consegui expor as micro agressões e o racismo estrutural sofrido por bailarinas pretas, apresentei como se dá a invisibilidade dessas bailarinas na modalidade e também pude construir uma narrativa apresentando quais são os desafios enfrentados por elas em relação à cor e vestimenta, apontando o que as afasta dessa modalidade.

Por fim este trabalho através das narrativas das personagens, expôs como é o corpo preto dentro do *ballet* clássico, desnaturalizando todos os desafios enfrentados diariamente por mulheres negras. Por meio dessa websérie documental, enfatizo a importância de se discutir as narrativas dessas mulheres negras no meio do *ballet* clássico, para que além de conscientizar sobre o racismo que existe nessa modalidade isso também inspire outras pessoas pretas a ocuparem essa posição.



2. SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

Para o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso, pautei a história do *ballet* clássico, de que forma essa modalidade foi aplicada no Brasil, como se dá a invisibilidade dessas bailarinas, a vestimenta do *ballet* e por fim, aplicações do jornalismo dentro da websérie.

4.1 As cores do *ballet* clássico

Adorno e Horkheimer (2002), explicam a Indústria Cultural como padronização de atividades e gostos, sempre visando modelos de mercantilização. Dessa forma, o *ballet* clássico também exhibe um modelo midiaticizado, repetindo o mesmo padrão há décadas de mulheres brancas e magras. Desenvolvida na Europa, dentro das cortes italianas no século XVI e depois levada para a França, a modalidade ficou restrita a pessoas brancas e ricas.

Friedman (2015) aponta que historicamente o balé e a branquitude reforçaram uma construção mútua de superioridade. Nota-se que no período do Romantismo, as coreografias buscavam mostrar as camponesas através da dança, com figurino predominantemente de cores claras, inclusive no tom de pele. Segundo Bourne (2017) os conjuntos de *ballet* desse período levavam o nome de *ballet blanc* (balé branco). Os balés de repertório mais famosos como *La Sylphide*, *Giselle*, *Chopiniana*, *O Lago dos Cisnes* e *o Quebra-Nozes* utilizam cenas que representam o *ballet blanc*.

Cardoso (2010) aponta que a identidade racial branca vem de um lugar de privilégios que corroboram para uma construção social racista. Esse cenário também reflete no *ballet*, com a realidade excludente de bailarinas negras devido sua origem ser de cortes europeias, que foi se transformando com o tempo, mas sempre majoritariamente dominada pela nobreza e burguesia. (SILVA, 2022).

Além da falta de pessoas negras para compor as coreografias, a indústria da moda na parte da dança também apresenta até os dias atuais essa exclusão. O corpo negro nunca esteve na



paleta de cores do *ballet*. As empresas da área têxtil de produtos para dança são excludentes quando produzem itens somente com uma coloração. Para Viana (2006), essa segregação é uma ferramenta eficaz de racismo.

Esta modalidade de dança preza muito pela harmonia das linhas do corpo, sendo obrigatório que os pés formem uma linha contínua com a perna. Quando a bailarina está vestindo uma meia-calça rosa, a sapatilha deve sempre ser rosa. Esses tons mais claros, tradicionalmente usados, são majoritariamente de cor rosa ou salmão, ou seja, valorizam tons da pele branca.

Quando uma bailarina negra usa sapatilhas e meias nesse tom é como se existisse uma ‘quebra’ dessa linha harmoniosa no corpo e por isso muitas delas buscam pintar suas sapatilhas a fim de amenizar esse efeito.

A problemática então decai no vestuário, para além dos belos vestidos no palco, a base do traje de uma bailarina é composta por meia-calça, sapatilha e collant. Tradicionalmente, estes itens possuem uma coloração rosa clara, muito próxima ao tom da pele branca (FRAJUCA; MENEZES, 2021, p. 273).

Como relata Robinson (2018) as mulheres negras já começam a ser excluídas nessa modalidade quando não há sapatilha no seu tom de pele. A bailarina Ingrid Silva (2019) publicou em sua conta no *Twitter* que depois de passar 11 anos pintando suas sapatilhas de ponta, pela primeira vez encontrou uma sapatilha da cor de seu tom de pele. Segundo ela, isso é uma vitória e a sapatilha representa uma revolução no mundo da dança.

Embora o balé exista há séculos, faz poucos anos que começaram a ser fabricadas sapatilhas em tons de marrom e bronze para bailarinas negras. Um detalhe que mostra a pouca diversidade racial existente nessa disciplina artística (MARTÍNEZ, 2019, n.p.).

Essa problemática das cores de vestimenta excludente é um exemplo de racismo estrutural, ou seja, racismo enraizado na sociedade brasileira. É muito importante que cada vez mais marcas, inclusive brasileiras, passem a produzir produtos de diferentes tons e não só as cores que se assemelha à de pessoas brancas. Manter tal paleta é uma forma de discriminação.



4.2 Invisibilidade das bailarinas pretas

Quando entrei na Universidade pública tive a noção de que grande parte dos estudantes vêm de uma classe social alta, e que a maioria das instituições de ensino superior são espaços dominados pela elite. É possível analisar essa desigualdade educacional como uma das faces do racismo estrutural, um espaço que é historicamente elitista, e voltada à formação de pessoas brancas implica na exclusão social de africanos escravizados e seus descendentes (Bersani, 2017).

Falar sobre o elitismo do *ballet* está relacionado com o alto custo desta modalidade de dança. Dessa forma é importante pontuar que segundo o informativo ‘Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil’, divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2022², a taxa de pobreza das populações preta e parda é duas vezes maior do que entre a população branca. Isso ilustra o afastamento de mulheres negras de baixa renda, de praticarem a modalidade.

As escolas de dança clássica não estão distantes dessa perspectiva elitista, com salas de aula ocupadas por meninas predominantemente brancas. Mas também exatamente pelo ballet reforçar o estereótipo de bailarinas europeias e pertencentes à elite, por ser uma modalidade que tem um custo caro de aulas, comparado ao valor de outros estilos de dança. Analisando o racismo no Brasil, diferente de outros países, a opressão se dá na maioria das vezes através de um racismo estrutural, presente nas configurações da sociedade e que se encaixa no exemplo das Universidades e das escolas de dança. Um dos fatores que excluem essas bailarinas da dança é a questão econômica.

é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2018, p. 25).

Na história, muitas das vezes, quando um bailarino negro recebe um papel importante dentro de um balé, está ligado à marginização ou estereótipos raciais. Isso reforça a ideia eurocêntrica de uma coreografia formada pela maioria de bailarinos brancos

² Disponível em https://static.poder360.com.br/2022/11/IBGE-DESIGUALDADES-11_NV_.pdf. Acesso em 23 de maio.2024



A partir do período clássico, algumas temáticas começaram a encenar narrativas não-ocidentais, porém a partir do ponto de vista eurocêntrico e estereotipado. Desde então, bailarinas negras no contexto europeu e norte-americano são escolhidas para papéis com estereótipos raciais, papéis particularmente exóticos como a “dançarina árabe” de O Quebra-Nozes. A dança também chamada de “Café”, é considerada inclusive, erótica, em algumas versões, onde a dançarina move seu corpo de maneira sensual em torno do dançarino masculino, vestindo trajes orientais com a barriga a mostra, detalhe bastante incomum em figurinos de balé (ROBINSON, 2018)³.

Apesar das mulheres pretas estarem conquistando seu espaço na dança, essa ainda é uma luta lenta e diária no entanto é de extrema importância para a representatividade dessas bailarinas. Almeida (2020, p. 109) aponta que “o que chamamos de representatividade refere-se à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social”. O *ballet* clássico brasileiro precisa dessa representatividade, para que mais meninas negras se enxerguem na dança.

Mercedes Baptista, foi um exemplo de representatividade negra no *ballet* clássico brasileiro. Ela teve papel importante para a história da dança afro brasileira. Em 1948 foi a primeira preta a ser aprovada para compor o corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e em 1953 foi responsável pela criação de um grupo de bailarinos para pesquisa da cultura negra, que levou o nome de *Ballet Folclórico*.

Mercedes Baptista seguiu firme nessa direção, sempre atenta à dignidade humana de seus alunos e artistas. Manteve uma postura de respeito e valorização da mulher negra, trabalhou muito para o reconhecimento e afirmação do artista negro na dança, sendo considerada a maior autoridade em dança afro-brasileira. O objetivo de Mercedes foi compreender e demonstrar como as raízes sociais e culturais da dança negra estão a serviço da coreografia e, sobretudo, a serviço da luta pela igualdade racial (SANTOS, 2014, p. 6).

E se Mercedes enfrentou muitos desafios para conquistar seu espaço na dança, até nos dias atuais é preciso ter muita coragem para lutar e ser bailarino no Brasil. De 1948 até 2022 nenhuma bailarina negra dançou como solista ou como primeira bailarina no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

A desvalorização das bailarinas negras chega ao ponto que muitas vezes elas precisam sair do Brasil para receberem o devido reconhecimento. Foi assim com Bethania Gomes, bailarina do corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro no ano de 1988. A bailarina sofreu racismo dentro do Theatro e dois anos depois iniciou seus estudos em dança em Nova

³ Disponível em: <https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/desigualdade-racial-nobrasil/>. Acesso em 27 de maio.2024



York, onde se tornou a primeira bailarina negra a alcançar o posto mais alto em uma companhia de dança internacional.

4.3. O corpo preto no *ballet*

No ano de 2022 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴ revelou pela primeira vez que 45,3% da população brasileira se autodeclara parda, sendo 92,1 milhões da população e os pretos 10,2%. Mediante esse fato, é preciso considerar que o Brasil é um país miscigenado, tendo vários tons de pele negra. Segundo Rocha e Rosemberg (2007) e Beneduzi (2011) a mestiçagem muitas vezes parte de um ponto de preferência pelo branco, por mais que não seja explícito. Isso reflete na difícil tarefa de entender quem é negro no Brasil, considerando que o processo de autodeclaração étnico-racial que difere dos outros países, devido a essa grande miscigenação.

Lélia Gonzalez, afirma que “A gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha dentre outras, mas tornar-se negra é uma conquista” (GONZALEZ, 1988 *apud* Cardoso, 2014, p. 973). Ou seja, o processo de identidade negra é extremamente importante e se afirmar como uma mulher negra envolve vários desafios. A autoestima da mulher negra, também está atrelado a construção dessa identidade.

Vários aspectos estão atrelados a este processo, pensando na identidade ligada à relação social com o outro “nenhuma identidade é constituída no isolamento. Ao contrário é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros.” (GOMES 2005, p. 42)

a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (auto definição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994, p.177).

Assim essa identidade é uma realidade presente e constante em todas as sociedades

⁴Disponível em

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda> Acesso em 3 de maio de 2024.



humanas. Quando pensamos na construção dessa identidade, relacionando com mulheres negras, falamos também sobre a autoestima e a pressão estética do corpo preto na dança.

Para além do tom de pele, o corpo das mulheres negras brasileiras são distintos do das mulheres europeias. Ser mulher preta no *ballet* já não é fácil, ainda não ter o corpo padrão para modalidade, torna muito mais difícil. Porém uma grande problemática é que o padrão estético pedido dentro da modalidade, muitas vezes é inalcançável.

Nesse ínterim, a relação com o corpo é determinante para que a bailarina tenha ou não sucesso na carreira que deseja seguir, e não apenas isso, mas também será determinante na forma como ela enxerga seu próprio corpo. Considerando que essa identificação, a partir do referencial psicanalítico, se dá pelo Outro, que esse Outro está sempre exigindo um corpo feminino ideal, e que no meio do balé clássico isso fica ainda mais evidente, acaba parecendo “natural” que a bailarina esteja, na maioria das vezes, descontente com o corpo que possui. (CAMPOS; SANTOS, 2019, p. 220)

Essa ‘naturalização’ abordada por Campos, é possível ser observada nos meios de comunicação de massa. Em diversos veículos e redes sociais o corpo de uma bailarina é repercutido como extremamente magro e branco, repercutindo essa ideia. Assim como trazem Adorno e Horkheimer (2002), sobre a Indústria Cultural.

Sentimentos de baixa auto-estima correm paralelos à constante insatisfação com a forma corporal, ou seja, a auto-estima depende da eficiência de seus métodos para alcançar o corpo desejado. Tudo funciona como se os outros valores pessoais não existissem ou fossem secundários, pois só conseguem se sentir socialmente aceitos se estiverem fisicamente dentro dos padrões desejados pela sociedade. (AZEVEDO; ABUCHAIM, 1998, p.35)

A autoestima da mulher negra é afetada pelo racismo, que nem sempre é explícito. Muitas vezes está presente em micro-agressões e enraizado nas relações sociais do brasileiro. No mundo da dança não é diferente, pois a ação não vem necessariamente de uma frase explicitamente racista, e pode vir através da falta de cores do figurino que se resume em nude ou cor de rosa, na cor da sapatilha, ou pelo fato de uma companhia renomada de ballet clássico nunca ter tido uma bailarina negra com papel principal.

Por isso surge o questionamento de que por mais que bailarinas negras talentosas tenham sucesso fora do país e que algumas marcas comecem a incluir o tom de pele marrom nas sapatilhas, essa mudança está acontecendo de forma lenta e tardia. A bailarina Ingrid Silva expressa preocupação em relação a isso em entrevista:

Será que a mudança tá acontecendo mesmo? A gente tá vendo esses bailarinos, ocupando o palco sozinhos, interpretando grandes papéis? a gente tá vendo esses bailarinos usando sapatilhas da cor da sua pele? a gente tá vendo pessoas negras trabalhando no escritório dessas grandes companhias? É essa mudança que precisa acontecer, não é só uma mudança visual pra falar e tapar os buracos, é uma mudança que precisa existir de dentro pra fora, de uma estrutura que é colonizada. ⁵ (Ingrid Silva, 2021).

⁵ Entrevista para a Folha no dia 02/06/2021. disponível no youtube no link:



4.4 Websérie no jornalismo dentro do *Youtube*

Dentro do jornalismo está cada vez mais necessário combinação interativa de fotos, textos e vídeos, para a divulgação de informação. Santaella (2008, p.21) fala sobre essa convergência midiática, sendo "mistura de mídias, sistemas de signos diversos e linguagens distintas constitutivos da hipermídia" . Para Santanella (2008), a Tecnologias Informacionais de Comunicação (TICs) faz com que seja possível novas formas de produzir conteúdo.

Para Hergesel (2021, p. 1), “as definições de websérie caminham por abordagens que se distinguem significativamente”. Ou seja, este produto está sempre se transformando em relação a sua produção e também em como se adaptar em diferentes mídias, seguindo as características que fazem parte do jornalismo digital como a hipertextualidade, interatividade, multimídia e mobilidade.

A Websérie é uma forma de pensar na produção jornalística dentro do meio do audiovisual que Souza e Cajazeira (2015) relaciona o conceito de ciberjornalismo com série

É possível a visualização de uma crescente apropriação das organizações jornalísticas na utilização dessas novas produções como um novo nicho de mercado, de público e de audiência, em paralelo com uma narrativa hipertextual, interativa e multimidiática como um novo caminho para estabelecer novas relações e oferecer novos conteúdos para esse público que permeia o ciberespaço originando numa nova classificação das webséries no campo jornalístico (SOUZA; CAJAZEIRA, 2015, p. 6).

Para construir uma narrativa jornalística, a websérie é dividida em capítulos, com entrevistas com as bailarinas e apresenta características do ciberjornalismo. Segundo Rossini e Silva (2009, p. 31) “a maior parte desse material visual produzido está ligado à necessidade de registrar, preservar, reproduzir e identificar pessoas, objetos, lugares ou classes de dados visuais”. Esses processos narrativos audiovisuais acontecem na mudança do cinema para a televisão e do produto audiovisual para as mídias.

Manuel Castells (2008) fala sobre o ciberespaço e mídias digitais, a partir de um mundo globalizado que ele chama de ‘sociedade em rede’ onde tudo está ligado. “Rede é um conjunto de

<https://www.youtube.com/watch?v=EGf1MCcBRog>



nós interconectados” (CASTELLS, 2008, p.566). Com a evolução da tecnologia a comunicação também sofreu mudanças e o modo de consumir informações mudou, fazendo com que as mídias digitais se transformassem em uma grande potência para o jornalismo.

O advento e a popularização das tecnologias digitais e o contexto sociocultural recente permitiram o surgimento de novas mídias com dinâmicas distintas das tradicionais. YouTube, Facebook, Instagram e TikTok são exemplos de novas mídias digitais que se estabeleceram atualmente.(OLIVEIRA; SILVA; FIGUEIRA FILHO, 2022, p. 99)

A expansão de redes sociais digitais como *Instagram* e *Tiktok*, as tornou um potencial espaço de produção audiovisual (SOUZA,2022). Porém, quando se fala de websérie jornalística, a plataforma *Youtube* permanece sendo superior em disponibilização de conteúdo. “O alcance do portal, as facilidades para a manutenção de um canal e o acesso gratuito às ferramentas de publicação e exibição de vídeos tornam o YouTube uma opção barata e atrativa de mídia de fonte” (RIBEIRO, 2013, p. 103).

Grande parte das webséries disponíveis hoje em diversas plataformas se relacionam de alguma maneira com a mídia televisiva, seja pela divisão em capítulos ou pelas vinhetas, se aproximando também do que se conhece de webdocumentário.

O webdocumentário se aproxima da websérie documental a partir de uma fragmentação da narrativa, compartimentalizada e integrando uma única história ao seu final ou segmentações de história paralelas, mas unificadas pela temática, por exemplo. (SOUZA, 2020, p. 114)

A crescente transformação dos meios tecnológicos refletiu também nas potências da websérie jornalística em diferentes plataformas, em especial no *Youtube*, plataforma explorada por jornalistas nos últimos anos. Mesmo que a principal característica dos vídeos do *Youtube* seja para fins de entretenimento, a plataforma possui grande potencial para produção de conteúdo jornalístico.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2014 tive o meu primeiro contato com o *ballet* clássico e a partir daí fui construindo referências e admirando bailarinas que com o passar dos anos percebi que tinham duas coisas em comum: o talento para a dança e a cor da pele. Minha inquietação sobre a estética branca da modalidade só foi despertada no ano de 2020, quando entrei na Universidade e tive contato com estudos sobre raça e feminismo. Ali, notei a falta de mulheres negras nas minhas referências de grandes bailarinas.

Quando pesquiso vídeos de tradicionais balés de repertório como ‘O lago dos cisnes’ e ‘Giselle’ noto que existe dificuldade de achar uma bailarina negra ocupando o papel principal. Analisando as maiores companhias de dança do Brasil, como o *Ballet* do Teatro Municipal do Rio de Janeiro ou a Escola do Teatro Bolshoi no Brasil, vejo mais uma vez a ausência de bailarinas negras ocupando papéis principais em espetáculos.

As denúncias de racismo em importantes companhias de *ballet* não são poucas. Em 2014, a bailarina norte-americana Preciosa Adams relatou em entrevista à Opera Mundi os comentários racistas que ouviu quando estudava na Cia de Ballet Bolshoi, na Rússia.⁶ Mais tarde, em 2019, a bailarina afro-americana, Misty Copeland, também acusou, em suas redes sociais, a mesma companhia de não contratar bailarinas negras⁷. A autora do blog ‘Dos passos da bailarina’⁸, Cássia Pires divulgou em 2013 uma pesquisa que analisou companhias de 58 países e concluiu que nelas não havia uma única primeira-bailarina negra. Tendo em vista o que foi mencionado neste trabalho, vi como é necessário falar sobre a história dessas mulheres na dança, até porque nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) em Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, este tema nunca foi abordado.

Segundo o sociólogo brasileiro Florestan Fernandes (1989, p. 23), “a democracia só será uma realidade quando houver, de fato, igualdade racial no Brasil e o negro não sofrer nenhuma espécie de discriminação, de preconceito, de estigmatização e de segregação, seja em termos de classe, seja em termos de raça”. Tratar sobre os desafios das mulheres negras, envolve, além do

⁶ Disponível em

<https://operamundi.uol.com.br/cultura/33219/preciosa-uma-bailarina-negra-na-academia-bolshoi-falaram-que-eu-devia-branquear-a-pele>

⁷ Disponível em

<https://noticiapreta.com.br/bailarina-afro-americana-denuncia-racismo-em-companhias-de-bale/>

⁸ Disponível em <https://dospassosdabailarina.com/2013/11/27/volta-ao-mundo/>



recorte de gênero, a possibilidade de colocar em pauta discussões importantes sobre o racismo estrutural existente nesse meio artístico, além de possibilitar a exposição de vivências dessas bailarinas.

Acredito muito na importância da representatividade negra e a maneira que isso pode impactar diretamente na construção de um indivíduo. Uma criança que cresce com referências que se assemelham a ela em diferentes ocupações, enxerga um mundo com muito mais possibilidades. Em função disso, este produto trouxe informações importantes sobre as dificuldades enfrentadas diariamente por mulheres negras no meio do *ballet* e de que forma elas enfrentam esses obstáculos diariamente.

Eduardo Meditsch (1998) defende a noção de que o jornalismo é uma como forma de conhecimento apenas um meio de comunicação. Nesta websérie, meu trabalho não somente comunica sobre a temática, mas possibilita aos espectadores a construção de conhecimento sobre as vivências de bailarinas negras no Brasil.

O foco principal do produto foi apresentar as narrativas de bailarinas negras que atuam dentro do *ballet* clássico. Ao longo da websérie é possível acompanhar as vivências e marcas do racismo estrutural na história de cada uma dessas meninas. Passando por diferentes temáticas como o processo de autodeclaração, vestimenta, pressão estética e racismo, percebi que me conectava com todas as entrevistadas pelo menos em alguma temática e que nenhuma experiência é individual.

Me desafiei durante todo o processo desse trabalho, desde a escolha do tema até a escrita deste relatório. A busca de fontes foi um processo difícil, mas quanto mais eu procurava mulheres negras dançando ballet e não encontrava, mais via como era urgente falar sobre este tema. A escolha de uma websérie também foi algo desafiador. Estudei muito para desenvolver minhas habilidades em captação desse tipo de formato e principalmente na escrita do roteiro.

Durante minha trajetória dentro do jornalismo me senti deslocada em diversos momentos por não saber qual área tinha o meu coração. Eu sempre tive afinidade com a maioria das disciplinas e pude experimentar diversas áreas durante a graduação. Participei da Empresa Júnior de Comunicação; por meio do Programa de Iniciação Científica, dediquei meus estudos ao jornalismo no *YouTube*; pesquisei sobre Educomunicação; e faço estágio na área de jornalismo



ambiental. Essas experiências em áreas diferentes da comunicação, me fizeram ter mais coragem para explorar algo que nunca tinha feito antes, que é trabalhar com o audiovisual.

Este projeto é muito mais do que um Trabalho de Conclusão de Curso. Ele é o resultado de muita dedicação e um desejo de chamar a atenção para uma temática tão pouco falada. Como futura jornalista, sei da potência desta websérie de sensibilizar a todos. Alertando que é urgente falar sobre as problemáticas dentro da experiência de mulheres negras no *ballet* clássico.



3.REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/ADORNO.pdf?134956850> Acesso em: 03 de maio. 2024.

ALMEIDA, S. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, Heloisa. **Diversidade e desigualdade**: uma reflexão sobre o aprendizado do balé clássico na sociedade atual. Rio de Janeiro, 2014

AZEVEDO, A. de M. C.; & ABUCHAIM, A. L. G. **Bulimia nervosa**: Classificação diagnóstica e quadro clínico. In: M. A. A. Nunes; J. C. Appolinário, A. L. G. Abuchaim & W. Coutinho. Transtornos Alimentares e obesidade. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998. p. 31-39

BERSANI, H. Racismo estrutural e o direito à educação. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 8, n. 3, p. 380–397, 2017. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v8i3.892. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6975>. Acesso em: 8 maio. 2023.

BOURNE, S.M. **Black British Ballet**: Race, Representation and Aesthetics. London: University of Roehampton, 2017

BENEDUZI, L. F. **Por um branqueamento mais rápido**: identidade e racismo nas narrativas do álbum do cinquentenário da imigração italiana no sul do Brasil. **Antítese**, v.4 n.7, 2011. p.13-30. Disponível em [file:///C:/Users/Windows%2010/Downloads/antiteses,+Gerente+da+revista,+2-+Beneduzi+\(dossi+e\)-+p13-30.pdf](file:///C:/Users/Windows%2010/Downloads/antiteses,+Gerente+da+revista,+2-+Beneduzi+(dossi+e)-+p13-30.pdf) . Acesso em 22 de abril de 2024.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista latinoamericana de ciencias sociales, niñez y juventud**. juv. 2010, vol.8, n.1, p.607-630. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692715X2010000100028&lng=en&nrm=is. Acesso em 15 ago. 2024

CARIBÉ, T. Caminhos de volta: o retorno consciente às origens. In: OLIVEIRA, H. (Org.). **Desvelando a alma brasileira**: psicologia junguiana e raízes culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 28-59.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. pp. ISBN

CAMPOS, Moema Fiuza de; SANTOS, Kátia Alexandra dos. O PADRÃO CORPORAL FEMININO NO BALÉ: UMA LEITURA PSICANALÍTICA. **Psicanálise & Barroco em**



Revista, v. 17, n. 3, p. 217-240, 2019. Disponível em: <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/9629> Acesso em: 01 maio 2024.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. In: Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 965-986, set.-dez., 2014. Acesso em 01 de jun de 2024.

FRAJUCA; MENEZES, **Bailarinas negras**: cores do balé e as transformações no vestuário, 2021, v. 5 n. 3, ISSN 2594-4630, pp. 267 - 278

FRIEDMAN, Sharon. **Post-Apartheid Dance** : many bodies, many voices, many stories. Cambridge: Cambridge Scholars Publisher, 2015.

Fernandes, F. **A integração do negro na sociedade de classes** (3a ed.). São Paulo: Ática, 1978.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Um breve discurso. In: **Educação antis-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

HERGESEL, João Paulo; SILVA, Míriam Cristina Carlos; PICHIGUELLI, Isabella. Ficção seriada infantojuvenil e religião: questões sobre discurso e narrativa na websérie-10 | A vida não é um jogo (Feliz7Play). **Tropos**, Rio Branco, v. 10, n. 1, 2021

OLIVEIRA, Jakeline Bandeira de; SILVA, Bruno Santana da; FIGUEIRA FILHO, Fernando Marques. A produção de conteúdo audiovisual para mídias sociais por não especialistas. **Temática**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 98 - 114, mar. 2022. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/46669> Acesso em 21 de abril de 2024

MARTÍNEZ, H.L. A alegria da bailarina Ingrid Silva ao receber as primeiras sapatilhas da cor de sua pele. **El País**, 04 nov. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/04/cultura/1572860654_696874.html Acesso em: 20 de abril. 2023

MEDINA, Cremilda de A. Entrevista: **O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como forma de conhecimento. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 21, n. 1, 1998. Disponível em file:///C:/Users/Windows%2010/Downloads/abarizon,+956-1664-1-CE.pdf. Acesso em 17 de março de 2024

MONTEIRO, George Ricardo Carvalho. **O traje de cena da Sífilde do balé La Syphide de Philippe Taglioni e Pierre Lacotte**: um estudo dos aspectos formais do design e das técnicas de



construção. Dissertação (Mestrado em Ciência Têxtil e Moda) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, USP, São Paulo, 2019. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100133/tde-18112019-114035/en.php> . Acesso em 05 de maio de 2023

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham A. et al. **Linguagem da Cultura de Massa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973

MUNANGA, Kabengele. **Identidade, Cidadania e Democracia**: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil: In: SPINK, Mary Jane Paris (org.)A cidadania em construção:uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

RIBEIRO, Ângelo Augusto (2013). **Youtube**: A nova TV corporativa – O vídeo na Web como estratégia de comunicação pública e empresarial. Florianópolis: Combook.

ROCHA, E. J.; ROSEMBERG, F. Autodeclaração de cor e/ou raça entre escolares paulistanos(as). **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.132, 2007. p.759-799. Disponível http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-15742007000300012&script=sci_abstract Acesso em 8 de ago de 2023

ROBINSON, S. **Black Swans**: Black female ballet dancers and the management of emotional and aesthetic labor. California: UC Santa Barbara, 2018.

ROSSINI, M. S.; SILVA, A. R. **Do audiovisual às audiovisualidades** : convergência e dispersão nas mídias. Porto Alegre: Asterisco, 2009.

SANTAELLA, Lucia. A ecologia pluralista das mídias locativas. Revista Famecos., Porto Alegre, v. 15, n. 37, p. 20-24, dez. 2008. Disponível em: 33 <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4795/3599>. Acesso em: 19 mai. 2024.

SANTOS, Emilena Sousa dos. Intérpretes da dança de expressão negra: contextos da arte de estar em cena. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 14, n.1, p. 58-73, jan./jun. 2014. Disponível em <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3269> Acesso em 18 de maio de 2024

SILVA, Ingrid. **Elas chegaram!!!** pelos últimos 11 anos, eu sempre pinteí a minha sapatilha. e finalmente não vou ter mais que fazer isso! [...] Nova York.01 de nov. 2021. Twitter:@ingridsilva. Disponível em [:https://twitter.com/ingridsilva/status/1190448586674384897?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1190448586674384897%7Ctwgr%5Eda1fb756639c253ef76da12ea7de447875108064%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fideiaseconexoes.com.br%2Fa-alegria-da-bailarina-ingrid-silva-com-sapatilhas-da-cor-da-pele%2F](https://twitter.com/ingridsilva/status/1190448586674384897?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1190448586674384897%7Ctwgr%5Eda1fb756639c253ef76da12ea7de447875108064%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fideiaseconexoes.com.br%2Fa-alegria-da-bailarina-ingrid-silva-com-sapatilhas-da-cor-da-pele%2F). Acesso em:01/05/2023



SILVA, Jéssyca. **O espaço de negras na dança**: a narrativa da trajetória de bailarinas negras no balé clássico. Manaus, 2022

SILVÉRIO, Marcela. **O corpo negro e o estereótipo da bailarina**. São Paulo. 2020

SOUZA, J. J. Websérie documental: um conceito em discussão. **Triade**: Comunicação, Cultura e Mídia, Sorocaba, SP, v. 10, n. 23, p. e022008, 2022. DOI:

10.22484/2318-5694.2022v10id4899.

Disponível

em:

<https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/4899>. Acesso em: 05 maio. 2023.

SOUZA, José Jullian. Explorando o conceito de websérie documental: lacunas, características e definição. **Eikon.**, v. 1, n. 7, p. 112-116, jun. 2020. Disponível em:

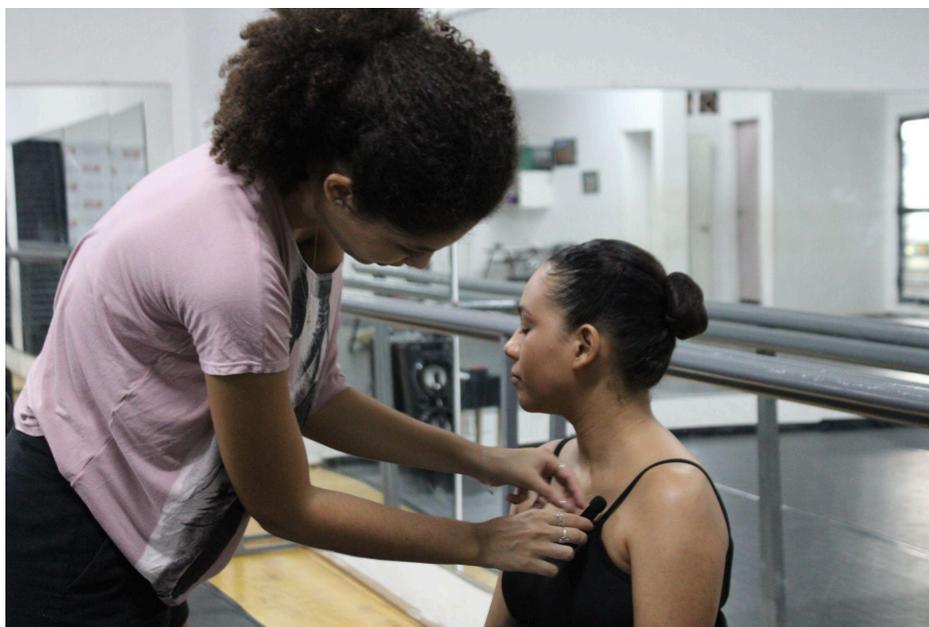
<http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/eikon/article/view/785>. Acesso em: 02 mai. 2022.

VIANA, E.E.P. **Relações raciais, gênero e movimentos sociais**: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970 – 1990. Dissertação (Mestrado) – IFCS/UFRJ/ Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bps-190> Acesso em 03 de maio de 2024

ANEXO 1 - Fotos dos bastidores



Montagem e posicionamento das câmeras. Entrevistada Graciela Barbosa (Foto: Eliel Dias)



Colocando a lapela na entrevistada Mila Fernandes (Foto: Gabriela Cenciarelli)



Montagem dos equipamentos, entrevista Isabelle Fernanda (Foto: Laura Santos)



Gravação das bailarinas colocando as sapatilhas de ponta (Foto: Eliel Dias)



B—ailarina Lorena Muana, usando as sapatilhas da cor de sua pele (Foto: Mariana Pesquero)



Montagem dos equipamentos. Entrevista Julianna Sarti (Foto: Victória Amorim)



Montagem dos equipamentos. Entrevista Thays Vitoria (Foto: Victória Amorim)



Apresentando o roteiro de perguntas para a bailarina Mila Fernandes (Foto: Gabriela Cenciarelli)



APÊNDICE 1 - Roteiro de perguntas

- Nome, idade, ocupação.
- Quem foi responsável por você entrar no ballet clássico? Como o ballet entrou na sua vida ?
- Dentre tantas as modalidades, por que o ballet clássico ?
- Como você define a dança ? O que ela significa pra você hoje ?
- Quando as pessoas pensam em uma bailarina, como elas idealizam essa bailarina ? Pode descrever pra mim a cor da sua pele, seu corpo...
- Me conta sua história, qual sua relação com o ballet clássico de criança até o momento atual
- Você lembra de ver meninas como você, da sua cor, seu cabelo e com o mesmo corpo que você ?
- Pode me explicar como surgiu essa falsa ideia de que para dançar ballet precisa ser magro ? Essa falsa ideia de que precisa ter um biotipo para aí sim poder ser bailarino ?
- Esse padrão de bailarina magra, branca, longilínea. É um padrão alcançável ?
- Quais são as problemáticas desse padrão inalcançável na dança ? O que isso pode desencadear de ruim, de trauma em uma bailarina
- E com você ? Como foi essa relação ?
- Qual a sua relação com a sua cor de pele ? Com sua autodeclaração ?
- Em que momento você começou a ter dúvidas da sua cor ?
- A opinião das pessoas sobre sua cor te definiu em algum momento ?
- Quando a cor de pele e o corpo começou a ser um problema ?
- Sobre as famosas sapatilhas de ponta, pode me explicar por que elas são cor de rosa ? Com base na história, como isso surgiu ?
- Por que pintar as sapatilhas de cor da nossa pele ? Isso é um ato de resistência ?
- Observando o cenário das bailarinas pretas, pardas e indígenas ? Elas estão ocupando os espaços importantes na dança ?



- Você acha que a invisibilidade dessas bailarinas também se dá a elas mesmas não se identificarem como mulheres negras ?
- O que afasta as meninas, em específico meninas negras do ballet ? Quais são os fatores que impedem que elas entrem na modalidade ?
- Você tem referências de bailarinas negras e pardas na sua infância/ adolescência ? E hoje ?
- Qual a importância dessas mulheres ocuparem esses espaços na dança ?
- No ambiente da dança você já passou por episódios racistas ?
- Em relação a sua vida fora da dança, já passou por situações racistas ?
- Você sempre identificou que isso era errado ? Ou demorou pra entender que isso era racismo ?
- Quais os principais desafios de fazer ballet ?
- A questão do corpo, a magreza do ballet ainda é algo cobrado até hoje ?
- Qual sua experiência em relação a esse padrão de beleza do ballet ? Conte sua experiência
- Você já pensou em desistir em algum momento ?
- Consegue imaginar sua vida sem a dança ?
- O ballet é acessível ? É para todos ?
- O custo alto do Ballet afasta as meninas das aulas ?
- Você vê o ballet como um ato político ? Um ato de resistência ? Pode me explicar mais sobre isso
- Ainda temos muito o que evoluir ?
- Quando você imagina o ballet, qual seu sonho, qual o cenário ideal da dança ?
- Considerações finais ? Livre para falar o que quiser.